



Comunhão como princípio da sinodalidade

Alzirinha Souza

Resumo: O presente artigo tem como tema central a comunhão, abordada a partir de dois momentos complementares. No primeiro, apresentamos a reflexão bíblica a partir do Antigo e do Novo Testamento, evidenciando o deslocamento do sentido de multidão para comunhão. Tal percurso revela uma dinâmica relacional que ultrapassa o simples ajuntamento de pessoas, apontando para uma experiência que envolve o estar juntos ao viver juntos, o escutar que conduz à adesão que se transforma em partilha. Em segundo momento, refletimos sobre a comunhão como elemento constitutivo do estilo sinodal de ser Igreja, que gera comunidade. À luz do pensamento de José Comblin, refletimos sobre a comunidade como modelo concreto de “ser Igreja”, capaz de promover processos de transformação pessoal e social. Nessa perspectiva, a comunhão vivida na comunidade possibilita o surgimento de homens e mulheres novos, formados como discípulos e seguidores de Jesus, chamados a encarnar o Evangelho em todos os tempos da história.

Palavras-chave: Sinodalidade, Ecclesiologia, Comunhão, Práxis cristã.

Abstract: The present article takes communion as its central theme, approached through two complementary moments. First, it offers a biblical reflection grounded in both the Old and the New Testament, highlighting a shift in meaning from multitude to communion. This trajectory reveals a relational dynamic that goes beyond the mere gathering of individuals, pointing instead to an experience that moves from being together to living together, from listening to adherence, and from adherence to sharing. In a second moment, the article reflects on communion as a constitutive element of the synodal style of being Church, a style that gives rise to genuine community. In dialogue with the thought of José Comblin, the community is understood as a concrete model of “being Church,” capable of fostering processes of personal and social transformation. From this perspective, communion lived within the community makes possible the emergence of new men and women, formed as disciples and followers of Jesus, called to embody the Gospel in every period of history.

Keywords: Synodality; Ecclesiology; Communion; Christian praxis.

INTRODUÇÃO

O tema que vamos refletir aqui, “*Comunhão*”, nos parece familiar, contínuo e por vezes esgotado. Tão familiar, que parece que nos tempos atuais, ao entrar em contato com as diversas comunidades, eventualmente não encontramos mais aí o seu sentido refletido. Organizamos nossa reflexão em dois momentos. No primeiro partiremos da compreensão do sentido bíblico das palavras *comunhão*, *povo* e *multidão* e como estas palavras são

relacionadas com a práxis cristológica, para, num segundo momento, à luz do pensamento de José Comblin, recuperar os princípios e a aplicabilidade do sentido de Comunhão=comunidade=comunidade, que é base para o processo Sinodal.

1 O SENTIDO BÍBLICO DE COMUNHÃO

O Salmo 133,1 (132,1) expressa em seu início: “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” *הִנֵּנִי מַחְיֵה יָחַד מִיְעֲנֵהֶמוּ בְּוִטְהֶמָּה הַגָּדָה* (Hinnê mah-tov umah-na'im shevet 'achîm gam-yachad). Essa expressão *yachad* – união-comunhão, em hebraico (é o termo para o numero “um»), tem um sentido mais amplo de: sentar-se juntos, estar juntos, viver juntos (cf. SHÖKEL, 1997; RUSCONI, 2003; BÍBLIA JERUSALÉM, 2002)¹.

Ora, o Salmo, a seu tempo, expressa a comum-união de pessoas que juntas perfazem aqueles/as que se colocam em relação com o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Esse núcleo do Povo de Deus, que se conformará ao longo da história de Israel, é constituído por aqueles que se colocam no mundo a partir de uma perspectiva determinada, a saber, a da relação que estabelecem com o Deus de Israel e, por isso, se diferenciam. Não se colocam em conjunto por outra razão que não seja essa.

Ao longo dos textos bíblicos, à medida que a organização do Povo de Deus se transforma, ou seja, afeta e é afetada pela história, novos sentidos para o “reunir-se juntos” aparecem. A versão grega desse versículo (a LXX) trará: Ἰδοὺ δὲ τί καλὸν ἢ τί τερπνόν, ἀλλ' ἢ τὸ κατοικεῖν ἀδελφοὺς ἐπὶ τὸ αὐτό (Idoû dê tí kalòn ē tí terpnón, all' ē tò katoikeîn adelphous epì tò autó). Em grego, o termo *katoikeîn* traduz o termo *yachad* com o sentido de “habitar”, *estar sob o mesmo teto, a mesma tenda, o mesmo grupo que se coloca sob o “teto de Deus”*. O sentido se amplia para dizer que Deus é aquele que está por cima da realidade e sua proximidade se dá na relação mútua com seu povo e e na relação de seu povo com ele, que define o habitar juntos de todo o Povo de Deus. Ora, o sentido de comunhão, contrapõe o sentido de “multidão”, que é o de “ovelhas sem pastor”.

Nos Evangelhos, o termo mais comum para “multidões” é: ὄχλος (*ochlos*) – traduzido como “multidão”, “povo”, “massa”, “ajuntamento”. Também aparecem: πλῆθος (*plēthos*) – “grande número”, “quantidade”, também usado para “multidão” (cf. Lc 5,6; At 2,6); λαός (*laos*) – “povo”, mas com uma carga mais teológica (remete ao povo eleito), diferente de *ochlos*.

A expressão multidão é “posta” como “público de Jesus”. Em muitos textos, Jesus ensina, cura e realiza sinais diante das multidões: “Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte...” (Mt 5,1); “Jesus, ao desembarcar, viu uma grande multidão, compadeceu-se dela...” (Mc 6,34); Aqui, a multidão é receptora da compaixão e da Palavra. Um símbolo do povo sedento de Deus, desorganizado, sem pastor (cf. Nm 27,17). Jesus se posiciona como o novo Pastor-Mestre-Messias.

¹ Para a construção do texto referente ao item 1, contei com a assessoria/orientações e correções dos professores/biblistas: Prof. Dr. Antonio Carlos Frizzo para AT e Prof. Ms. Guilherme Anselmo Jr, para NT.

O termo multidão pode ainda ter o sentido de “volúvel e manipulável”, aparecendo como instável e sem discernimento, como nesses dois momentos cruciais da vida de Jesus: “Hosana ao Filho de Davi!” (Mt 21,9); “Crucifica-o!” (Mt 27,22). A mesma multidão que aclama, rejeita. Ela é campo de disputa: aberta à Palavra, mas facilmente desviada. Isso revela um potencial e um risco: ela pode tornar-se Igreja ou turba.

A multidão como “não discípula”, cria também a distinção entre multidão e discípulos. Os Evangelhos distinguem entre “seguir” e apenas “estar”. A multidão está com Jesus, mas não necessariamente o segue, podendo ser identificada como aquela que escuta, vê, mas não necessariamente segue: “A multidão o procurava, mas ele se retirava para lugares desertos...” (Lc 5,15-16); “Jesus, vendo a multidão, ordenou: ‘Passemos para o outro lado’” (Mt 8,18).

Finalmente o termo multidão, refere-se ao amplo, heterogêneo, volúvel e anônimo grupo de pessoas que, embora aberto ao Reino, ainda não adere claramente a ele, estando mais ligada à massa e à exterioridade, ao passo que o termo comunhão é utilizado para grupos: pequenos, coesos, comprometidos; fundada na partilha de vida, de fé e de mesa (cf. At 2,42-47), que se relacionam de forma fraterna, interna, espiritual.

Jesus chama da multidão para a comunhão. Ele não despreza o *ochlos*, mas propõe um caminho de passagem: do estar juntos ao viver juntos; do escutar ao aderir; do observar ao partilhar.

Os capítulos 9 e 10 do Evangelho de Mateus trazem à luz este sentido. No capítulo 9, Jesus encontra diversos interlocutores que, por diversas razões, se encontravam na multidão: (1) (9,2) o paralítico deitado em uma cama; (2) (9,8) O coletor de impostos Mateus; (3) (9, 10-13) os fariseus que, de forma figurada, questionavam as leis às quais se apegavam; (4) (9,14-17) os discípulos de João, que possuíam a mesma inquietação dos fariseus; (5) (9,18-19; 23-26) a filha de um “chefe”; (6) a mulher hemorroísa (9,20-22); (7) os dois cegos (9,27-31); (8) o endemoniado mudo (9,32-34). O capítulo conclui: (9,36) “*Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor*”. Teve compaixão, entristeceu-se com aqueles/as sem rosto. Aqueles/as aos quais Jesus se dirigiu encontravam-se em meio a muitos outros que procuravam um ponto de unidade para estarem juntos. No capítulo 10 (10,1-5), Jesus constitui a sua comunidade de 12 apóstolos, e os envia em missão orientando-os para o cuidado com aqueles que encontrariam nas “multidões”. Cuidados eles poderiam, tal como os primeiros interlocutores, deixar de ser multidões, rostos perdidos nas massas, para se transformarem em sujeitos, rostos com nomes, que, tocados por Jesus, poderiam entrar em sua dinâmica, constituindo-se em comunhão.

Como o texto demonstra, a ação de Jesus por si só, não pressupõe a constituição da comunhão. Nenhum personagem descrito nesta perícopa, passou a “viver em união literalmente”. O mais importante é que saíram da *condição de multidão, massa, sem rosto para ganharem rosto*, identificados por suas situações e questões. Os interlocutores de Jesus, cada um à sua maneira, recuperaram o sentido e a dignidade. A comunidade de Jesus, constituída

no momento seguinte, é aquela que vai dar continuidade à práxis do cuidado, dando a muitos outros, o sentido e a dignidade, colocando-os em comunhão com Jesus.

Neste sentido, comunhão, estar juntos, habitar juntos, pressupõe o núcleo para começar a pensar a Sinodalidade. Por isso, não é a sinodalidade que perfaz a comunhão, antes é o “estilo sinodal de ser” que deve marcar a comum-idade de pessoas que, reunidas em torno à pessoa de Jesus, são tiradas delas mesmas, da condição de multidão, para a realidade da comunhão.

2 A COMUNHÃO “YACHAD” EXPRESSADA NA PRÁXIS ECLESIAL = COMUNIDADE

É neste sentido, que se faz necessário compreender o que é e o que perfaz uma COMUNIDADE. E a pergunta de fundo que queremos propor é: um tanto de pessoas juntas (*multidão*), para realizar o que quer que seja, perfaz Comunidade? Primeiramente, é necessário lembrar que comunidade requer reconhecimento das “individualidades no conjunto”, ou seja, trazer à luz, através da dinâmica da convivência, do estabelecimento de vínculos, de trocas de experiência de vida, aquilo que cada um tem de particular. Nela, os particulares não são individualistas, mas são constituintes dos dons que cada um traz, da diversidade pessoal que cada um pode colocar em favor do bem comunitário.

Por isso, ao contrário de um conjunto de “*massa de pessoas reunidas*”, cada uma é tomada de forma individualizada, anônima, colocando em favor de suas causas próprias e pessoais, e menos nas causas dos que lhes são queridos e próximos, temos um “*déjà vu*” de outro momento eclesial em que se pensou que as massas impulsionadas por grupos particulares seriam a solução para os processos de evangelização, esquecendo-se novamente de que a real comunidade é a que se coloca cada um favor do outro, e tal qual o ensinamento de Jesus, em especial daqueles aos quais ninguém se coloca favorável.

Comunidade dos seguidores/as de Jesus, e não multidões, é o que marca o cristianismo. Segundo Comblin, o que o Cristianismo deixou para a humanidade não são os ritos, as rezas, as vestes, os edifícios ou a riqueza intelectual desenvolvidas e apropriadas ao longo dos séculos. O patrimônio mais importante deixado para a humanidade, é a comunidade que possibilita uma nova forma de viver, relacionar-se, constituir vínculos, pautados pela fraternidade, através da qual podemos exercer o nosso ser-cristão como discípulos que colocam em prática os valores e os ensinamentos do Mestre, através dos quais vamos nos constituindo enquanto cristãos/ãs novos/as (cf. COMBLIN, 1987, p. 51).

Ora, duas condições são necessárias para a constituição da humanidade nova, o “*Homem novo*” no dizer do Apóstolo Paulo (Ef. 4, 22-24): o *processo pessoal* que nos torna novos/as à medida em que se integra o velho, entendida como a experiência pessoal vivida e o novo que vai sendo construído através da transformação dada pelo seguimento; e a *Comunidade como condição de possibilidade para a realização do processo de transformação*. (cf. COMBLIN, 1987, p. 43).

Para além e antes de todas as expressões religiosas, é em comunidade que homens e mulheres vivem seu processo de luta pessoal entre o velho e o novo. É em comunidade que homens e mulheres deixam na história o fermento da novidade que receberam e que deverá ser legado às novas gerações. Nas Sagradas Escrituras, encontramos no Novo Testamento o desvelar da novidade da humanidade nova, o Povo novo, a nova aliança, o nascimento da nova Jerusalém. No ensinamento de Jesus a Nicodemos (Jo, 3): nascer de novo quer dizer recomeçar tudo desde a base. A novidade bíblica é uma nova partida, renovar é começar uma vida nova, é reconversão total ao recomeçar sem eliminar o vivido.

Contudo, é justamente neste presente da história e em comunidade que o ser humano, se constitui como elemento passivo de ser continuamente transformado à luz do seguimento de Jesus. Neste contexto, ele se encontra localizado frente à imperfeição do tempo presente onde todos os caminhos são ambíguos, mas que são os caminhos pelos quais Deus conduz a humanidade à sua libertação. Por isso, a imperfeição, negada categoricamente por alguns e buscada incessantemente por outros, assume um papel essencial: longe de ser um obstáculo e à medida em que é assumida, torna-se caminho escolhido pelo Espírito Santo para chegar à constituição de si, levando aquele/a que busca o absoluto da santidade dada por milagre, a fugir da realidade e a viver em um mundo pessoal, restrito, fechado, anulado e ilusório.

A contribuição da COMUNIDADE, que se diferencia de uma massa de pessoas reunidas, e que é espaço para a construção da nova humanidade se dá por três aspectos: (1) a comunidade como modelo concreto da nova humanidade, (2) o modelo missionário que a constitui e (3) a evangelização que nela se realiza. Nos deteremos aqui no primeiro aspecto.

3 A COMUNIDADE COMO MODELO CONCRETO

Tomar a comunidade como modelo concreto, é afirmar que ela oferece à humanidade e à Igreja a possibilidade de existir concretamente na história. Desde o Novo Testamento, as comunidades são a realidade histórica dos cristãos. Elas oferecem a homens e mulheres valores cristãos que constroem e formam os que aí estão inseridos.

É nesse sentido, que José Comblin (Cf. COMBLIN, 1987), retoma o sentido paulino para o cristianismo primitivo, o “homem novo” é uma realidade concreta, visível e palpável, que vai ser afirmada através da expressão “revestir-se do homem novo” (Ef 4,22-24). Revestir-se significa entrar na comunidade cristã e adotar seus modos de viver. Por essa razão, a comunidade reafirma a mensagem fundamental do NT: a humanidade nova não é o indivíduo, nem a humanidade total concebida como grande corpo no qual os indivíduos seriam tão somente peças de engrenagem. A comunidade representa a humanidade nova frente a todos os individualismos e a todos os totalitarismos sociais, eclesiásticos, civis ou militares.

Nela se revela a verdadeira superação das relações de dominação e alienação. Existe a liberdade, todos tomam a iniciativa e ninguém está obrigado a fazer a vontade, ou a ser conduzido cegamente pelo outro. Isso não quer dizer anarquia, senão que cada pessoa faz voluntariamente ações para o bem de todos. A liberdade sem serviço mútuo leva ao individualismo

e o serviço sem liberdade leva ao totalitarismo (Gal 5,13). Ser livre, é ser com os outros, entrar dentro das relações novas movidas pelo amor. O conteúdo concreto da liberdade é a relação mútua entre as pessoas. Não existe liberdade de homens e mulheres sós. A civilização ocidental moderna desenvolveu desde o Renascimento um ideal de liberdade individual que consiste na afirmação de si, do indivíduo, isolado e autônomo: a liberdade do conquistador (cf. COMBLIN, 1974, p. 85-95). O *ágape*, ao contrário do amor como disposição subjetiva individual, é a alma da comunidade, porque permite estabelecer uma relação de compromisso mútuo entre as pessoas. Logo, a comunidade existe no *ágape*, no compromisso vivido por cada um de seus membros. O *ágape* é o bem superior que permanece para sempre, cria *Koinonia*, cria vida em comum que leva à participação de todos nos mesmos bens (1 Cor 13).

Contudo, não se pode pensar que em comunidade as diferenças são absorvidas, eliminadas, como em um passe de mágica. Não há totalidade que possa absorver nem as diferenças nem as complementariedades. Absorver os membros para uma unidade do todo, não lhes deixaria nenhuma liberdade. O que existe é a manutenção da complementariedade e das diferenças que se colocam em reciprocidade, em diálogo que se estabelece no ritmo da convivência e não na redução para uma pseudo-unidade. Não é possível buscar uma modelo único que seja a síntese do todo. Sínteses anulam pessoas e seus dons. Em comunidade as diferenças são riquezas a serem superadas, não pela solidão ou redução, mas pela aceitação mútua. (cf. COMBLIN, 1987, p. 26).

Não basta somente que a Comunidade, como experiência humana, tenha qualquer pessoa, qualquer fala por parâmetro. Quem nos dá o parâmetro universal expresso nas Sagradas Escrituras, para a realização da experiência comunitária, é Deus: os pobres, como as primícias do homem novo. Ao contrário dos humanismos ocidentais, que classificam pessoas, o “Humanismo de Deus”, desvelado nos textos bíblicos, elege a humanidade em seu conjunto, sendo prioritários aqueles/as que estão em situação de vulnerabilidade, ou seja, os pobres.

Deus tem um projeto que é o objeto da promessa feita a Abraão: projeto de salvar a humanidade da dominação que é fonte de todos os pecados. O projeto do Pai, é realizar nesse mundo uma humanidade de justiça e solidariedade. Mas não quis realizar seu projeto por meio dos poderosos desse mundo, que são os poderosos opressores. O fundamento que escolheu para ser uma nova humanidade serão os próprios pobres, os chamados pecadores, dominadores, exploradores, marginalizados das sociedades humanas. Assim é Deus” (COMBLIN, 2011, p. 182).

Eles não são privilegiados porque a Igreja os elege, senão que a Igreja os elege porque Deus mesmo os colocou frente ao movimento de liberação da humanidade (cf. COMBLIN, 2011). Eles não foram eleitos porque eram mais religiosos, santos ou piedosos dos que os demais. Ao contrário, eram tratados por pecadores e ignorantes da Lei. Jesus não se preocupou

com isso. Ao contrário, se dirigiu a eles não por populismo, nem para fazê-los santos como um passe de mágica, mas a seu tempo, tal como Deus, que ouve o seus clamores e sem tirá-los de suas realidades e levá-los para um mundo dos perfeitos, os convida a um caminho de libertação. Enfim, os pobres são parâmetro para a formação de homens e mulheres novos que se encontram na Comunidade, porque sua presença e existência denuncia a realidade desequilibrada e os processos injustos da sociedade. Eles nos lançam e nos obrigam a estarmos imersos na realidade. Seu clamor que obriga e motiva a transformação da sociedade e nos impede a expressão religiosa alienada.

O cristianismo entende, pois, que as promessas do Evangelho incluem o fato que os pobres permaneçam neste mundo (cf. COMBLIN, 1987), em uma história que traz sua própria força. Junto a eles, encontram-se cristãos/ãs que se colocam em *Comum-unidade* de pessoas assumindo-se como seguidores, não de Apolo ou Paulo (1 Cor 3, 4-6), mas de Jesus, que nos desafia a nos transformarmos na dinâmica do indeterminismo histórico.

Somos *Koinonia* – comunidade, de amizade, com os pobres, na fé, no Espírito, em Cristo Jesus e suas obras e com Deus. A comunidade é a possibilidade de nos conectarmos às criaturas e ao Criador. E podemos ser *Koinonia* sinodal, à medida que impulsionados pelo Espírito Santo, superamos os movimentos que geram multidões e assumimos os que geram seguidores. Precisamos nos perguntar continuamente: estamos de fato nos constituindo em comunidades de comunhão?

CONCLUSÃO

Somos *κοινωνία*, *Koinonia*, somos comum unidade em torno à pessoa de Jesus, reunidos pelo Espírito Santo. Não somos multidão, antes somos comunhão, comum-unidade e por isso podemos exercer o que nos caracteriza: (1) nossa forma de nos apresentarmos é *ECLESIAL* como nos identificamos; (2) nossa forma de ser é *SINODAL*; (3) nossa forma de agir pelos ministérios baseia-se no SERVIÇO; (4) nossa forma de atuar é *COLEGIADA* e finalmente nossa forma viver é *COMUNITÁRIA*.

A proposta Sinodal baseada na comum-união de pessoas que se reúnem em torno à pessoa de Jesus, por tudo o que dissemos é a base que se contrapõe ao que renasce hoje, tal como em alguns momentos da história da Igreja, são tendências sectárias no sentido de tentar dividir a humanidade em grupos: dos santos e perfeitos que encarnam a humanidade nova, fora da realidade e o resto da humanidade que encarna o homem velho. Contudo, é no tempo presente, que se compreende que todos/as trazem em si o novo e velho em luta constante que envolve todas as dimensões humanas (Rom 7-8) (Cf. COMBLIN, 1987, p. 51).

Como comunhão e *em* comunhão, que poderemos finalmente exercer a atitude sinodal solicitada proposta pelo Papa no discurso de abertura em 10 de outubro de 2021: de Encontro, Escuta, Discernimento para, finalmente, no processo, irmos assumindo uma nova forma de práxis por excelência *SINODAL*.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, J. Antropología Cristiana. (Colección Teología y Liberación), Madrid: Ediciones Paulinas, 1987.

COMBLIN, J. Liberté et libération concepts théologiques. In : Revue Concilium 96. (1974), p. 85-95.

COMBLIN, J. O pobre como critério para a profecia. In: Pedro Ribeiro de OLIVEIRA (org.) Opção pelos pobres no século XXI, São Paulo, Paulinas, 2011, p. 191-201.

RUSCONI, C. Dicionário do grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003 e Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.

SCHÖKEL, A. Dicionário Bíblico Hebraico-português. São Paulo: Paulus, 1997.

Texto submetido em 30/10/2025 e aprovado em 30/11/2025

Alzirinha Souza. Leiga, Teóloga. Dra. em Teologia pela Université Catholique de Louvain Bélgica, Mestre em Teologia pela Universidad San Dámaso, Madrid e Graduada em Teologia pela PUC SP. Pós-doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Membro da Société Internationale de Theologie Pratique – Bélgica. Atualmente é professora e pesquisadora do Instituto São Paulo de Teologia (ITESP). E-mail: alzirinharsouza@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4512-8847>

Endereço: Rua Herval, 497 / 133 – Belenzinho – SP/SP – 03062-000

Editor: Geraldo Luiz De Mori

Avaliador: Matheus da Silva Bernardes